

A FARRA DAS SANTAS: O SACRO E PROFANO NAS FESTIVIDADES CATÓLICAS CULTURAIS EM PERNAMBUCO

Sandra Maria da Silva Arcanjo



Resumo

O Brasil tem tecido em sua história linhas do catolicismo, implantadas desde a chegada lusa no Novo Mundo como um instrumento de impor sua cultura de civilizar as almas. Tal foi esta imposição que mesmo após a instituição legal da laicidade na constituição republicana a prática cultural nacional prosseguiu perpetuando a religiosidade histórica. As festas e feriados nacionais, estaduais e locais são grandes demonstrações. Independente da religião e crença, boa parte da população se torna participante dessas grandes comemorações que se iniciam em uma missa e continua nos bares. A cultura secular tem a adoração religiosas como impulso de sua manifestação. É nos palcos das festas aos santos que artistas populares, ritmos, fantasias, comércio, farra, romance e até sincretismos se apresentam. Nosso trabalho propõe-se em analisar duas festas do estado de Pernambuco que retratam essa dança das Santas com o povo: Festa de Nossa Senhora da Conceição (Recife) e Nossa Senhora dos Prazeres (Jaboatão dos Guararapes).

Palavras-chave: Festas católica. Sacro. Profano.

INTRODUÇÃO

As crenças religiosas atuam como força de ligação entre os membros de uma comunidade, influenciando a forma com que a sociedade organiza a sua realidade e fazendo do grupo uma unidade. Gomes (2004), ao aludir Durkheim, ressalta que é no grupo e pelo grupo que elas proporcionam um caráter de pertencimento e preenchimento, visto que até mesmo as religiões de caráter, aparentemente, particular nada mais refletem do que formas de expressão que estão na memória coletiva da sociedade. Dessa forma, a religião em seu processo histórico se encontra vinculada diretamente a Igreja, instrumento de expressão coletiva da vida religiosa. “Uma religião é um sistema solidário de crenças e de práticas relativas a coisas sagradas, isto é, separadas, interditas crenças e práticas que unem, numa mesma comunidade moral, chamada Igreja, todos os que se lhes aderem”. (Durkheim, 1912 apud Gomes, 2004, p. 39).

A história brasileira é tecida com o catolicismo, que apesar de ser exportada de Roma ganhou cores e texturas para além do tear do papado. Um catolicismo brasileiro, muito fixado na veneração dos santos. No catolicismo o ritual é aquilo cujos propósitos e símbolos concentrados em cerimônia e mitos, têm algo a ver com uma expressão do sagrado, seja ele mágico ou religioso em seu sentido mais amplo. (Brandão, 2009, p. 129)

Moscovici ressalta que “a finalidade de todas as representações é tornar familiar algo não-familiar, ou a própria não-familiaridade” (2003, p. 54). Entende-se, assim, que o grande objetivo é trazer para o seio do senso comum as crenças e informações já adquiridas, numa

tentativa de fortalecer e manter uma “zona de conforto”, ao passo que o desconhecido é, ao mesmo tempo, intrigante e aterrorizante. No intuito de se livrar de um mal-estar e de uma possível sensação de incompletude, as representações configuram um exímio esforço em tornar comum o que parece incomum, ajustando e incorporando o não-familiar. Da mesma maneira, Oliveira e Werba (2000) apontam este como o principal intuito das representações sociais em suas origens. Um processo interno que ocorre na tentativa de promover conforto e segurança, visto que a tendência é sempre negar o desconhecido. No processo de assimilação do não familiar existem dois fatores primordiais para a sua ocorrência: ancoragem e objetivação.

A religião, segundo Durkheim, conforme explicita Quintaneiro (2009), pode ser compreendida a partir de uma divisão dicotômica e excludente entre dois mundos paralelos, marcados pelo sagrado e o profano. Por sagrado entende-se um universo constituído por coisas, crenças e ritos compartilhados e expressos no que ele denomina “comunidade moral”, isto é, a Igreja, instituição símbolo dessa manifestação. Um conjunto interligado, sinônimo de unicidade estruturada, criando um sistema em que os ritos derivam das crenças que, por sua vez, remetem ao sagrado (Durkheim, 1912 apud Aron, 2008, p. 500).

Aron (2008) diz que a religião, na concepção de Durkheim, é uma criação proposta pela coletividade, transfiguração da sociedade, capaz de expressar a própria vida social. Sendo assim, corresponde a uma realidade autêntica que, não sendo Deus, há de ser a própria sociedade, uma sociedade sagrada causa desse fenômeno e, ao mesmo tempo, capaz de responder à divisão entre o sagrado e o profano.

É inadmissível que sistemas de ideias como a religião que tem tido um papel tão importante na história, em que em todos os tempos os povos vieram colher a energia de que precisavam viver, não passem de tecidos de ilusões. [...] De que modo uma fantasmagoria vã poderia ter modelado tão fortemente, de modo tão durável, as consciências humanas? Certamente deve ser considerado como um princípio pelas ciências das religiões que a religião não exprime nada que não exista na natureza, pois todas as ciências se preocupam com os fenômenos naturais (Durkheim, 1912 apud Aron, 2008, p. 503).

A partir dessas conclusões, conforme menciona Aron (2008), Durkheim busca elaborar formas de conceber as religiões mais complexas. Anuncia a importância dos símbolos e ritos enquanto fenômenos sociais, presumindo que, muitas vezes, os comportamentos se referem aos símbolos que representam determinadas coisas e não à coisa propriamente dita, de modo que as condutas sociais contemporâneas também se orientam desta forma. O mesmo empreende uma análise dos diferentes tipos de ritos e o papel social que assume ao intensificar e incitar a coesão social. “Uma religião só vive através das práticas, símbolos de suas crenças e formas de renová-las” (Aron, 2008, p. 515).

De acordo com Moscovici (2005), as representações sociais possuem uma série de características. Primeiramente, “elas convencionam objetos, pessoas ou acontecimentos que

encontram” (p. 34), ou seja, são colocados em categorias definidas. As convenções são feitas socialmente e muitas vezes a realidade para uma pessoa é aquilo que é socialmente aceito como real (Lewin, 1948, apud Moscovici, 2005). Em segundo lugar, as “representações são prescritivas” (p. 34), elas exercem sobre nós uma grande imposição. São impostas sobre nós, transmitidas socialmente e são resultados de sucessivas gerações. Outrossim, as representações não são criadas por uma única pessoa. Para saber realmente a origem de uma representação, muitas vezes é preciso começar verificando o local de nascimento, pois ela se modifica, circula, se atrai com umas e se repele com outras (Moscovici, 2005).

AS FESTAS

Segundo Severino Croatto (2001, p. 382), “a festa é um elemento constitutivo de qualquer religião, ou seja, é uma necessidade humana radical”. Na realidade, mesmo que não tenha religião, a festa sempre está presente; ainda que ela se resuma em férias, diversão, atividade lúdica ou tempo livre. Croatto (2001, p. 382) ainda aponta a festa religiosa como uma expressão social de vivências profundas. Na festa, podem ser encontrados os aspectos simbólico, o mítico e o ritual, além do teatral, cômico, lúdico, imaginário, político etc. Nesse sentido, não existe uma vivência religiosa sem uma explosão do festivo.

Jodelet (2001) define as representações sociais como saberes práticos que orientam a vida cotidiana e que são compartilhados nos discursos, nas ações e nas negociações entre sujeitos e grupos. A autora valoriza a partilha como um fenômeno que serve à “afirmação simbólica de uma unidade e de uma pertença. A adesão coletiva contribui para o estabelecimento e o reforço do vínculo social” (p.34).

“Na trama ordenada de símbolos, gestos e representações, o catolicismo vai se entrecruzando com a vida. Dor, alegria, esperança, problemas, anseios, festas, novenas e santos vão compondo o cenário do dia-a-dia (PASSOS, 2002, p.169).

Uma festa religiosa não é simplesmente uma comemoração, mas um aprofundamento e reflexão em que a fé precisa ser cuidada e alimentada e cujo caminho é iluminado pelo santo padroeiro. A festa, desse modo, torna-se um referencial simbólico com apelo identitário, com o qual a comunidade constrói suas representações sociais, sendo assim, um acontecimento dinâmico e imprescindível para o grupo. Podemos analisar como exemplos a Festa de Nossa Senhora da Conceição em Recife, e a Festa de Nossa Senhora dos Prazeres, em Jaboatão. Ambos municípios do estado de Pernambuco.

Ana Pedroso explica a organização da Festa de Conceição:

A Festa acontece do final do mês de novembro até o dia 8 de dezembro, mas os preparativos se iniciam desde o mês de março, com a organização da parte mais estrutural, isto é, provendo estruturas, equipamentos e serviços para receber os fiéis que se dirigem ao Morro neste tempo festivo. Para tanto, o Santuário conta com o apoio de órgãos públicos como Autarquia de Trânsito e Transporte Urbano do Recife – CTTU, Diretoria Executiva de Controle Urbano

do Recife – DIRCON, Companhia Pernambucana de Saneamento – COMPESA, Companhia Energética de Pernambuco – CELPE, Polícia Militar, Política Civil, Guarda Municipal, Corpo de Bombeiros, além da atuação de profissionais da área da saúde. (2021, p. 53)

Uma festa marcada pela participação de leigos, e moradores da cidade do Recife:

Trata-se de uma ação que se aproxima bastante das diretrizes propostas pelo Concílio Vaticano II (1962- 1965) através do conceito de “Igreja Povo de Deus”, quando a Igreja finalmente assumiu uma postura mais democrática, delegando aos clérigos e leigos a função de traçarem conjuntamente os rumos da atividade pastoral (2021, p. 54)

A Festa dos Prazeres, também conhecida com festa da Pitomba, graças ao período da festa que coincide com a safra desta fruta, ocorre após a Semana Santa e com o fim da quaresma, seguindo o calendário católico. São realizados diversos e diferentes eventos e cerimônias, que vão de um grau mais intenso de sacralidade, até ao profano mais lúdico e político. Este festejo teve sua origem em meados do século XVII, quando ocorreram as Batalhas dos Guararapes que resultaram na derrota e expulsão dos holandeses. Segundo as tradições, na época em que ocorriam as batalhas, Nossa Senhora dos Prazeres fez uma aparição para os soldados brasileiros trazendo proteção e garantindo a sua vitória contra os inimigos. Como forma de agradecimento, o General Francisco Barreto de Menezes mandou erguer a igreja que foi nomeada “Igreja de Nossa Senhora dos Prazeres”, e ordenou que a partir daquele ano fosse celebrada anualmente uma festa em homenagem à santa e aos seus milagres. Através de um documento datado de 8 de novembro de 1656, o general autoriza a entrega da capela à Ordem Beneditina de Olinda afirmando que “neste altar deverá ser celebrada missa todos os dias santos, e todos os anos deverá exaltar Nossa Senhora dos Prazeres, com grandes festejos e muita pompa.

Em paralelo às atividades religiosas, essas duas festividades contam com shows de artistas locais e nacionais, feirinhas de artesanato, oficinas, palestras, barracas de bebidas, comidas típicas e objetos religiosos. Nessas tradições centenárias, o profano e o religioso se misturam no mesmo lugar. Diante disso esse, espaço profano das festas é todo aquele que não é visto como sagrado, onde os seus participantes aparentemente demonstram pouco de afeto ou de apego por algum tipo de localidade ou de simbologia, pois qualquer tipo de manifestação que para o participante nada mais é do que um simples objeto, ou algo descaracterizado.

A festa religiosa é uma ritualização em que o lúdico e a devoção mesclam o religioso e o profano no entorno da Igreja. Observamos que ainda há uma mistura entre o sagrado e o profano e compreendemos que o que os diferencia é a questão do espaço entre esses dois mundos: o homem, para alcançar o sagrado, constrói locais sagrados, pois é o lugar onde ele pode representar e reproduzir o sagrado, à medida que ele reproduz a obra dos deuses (Eliade, 1992).

CONCLUSÃO

Aos festejos oscilam entre o polo religioso no qual a população comunga a fé e celebra sua devoção. O sagrado propicia o conforto espiritual ou psicológico de proteção e do auxílio da santa, o profano através das manifestações festivas promove a participação coletiva permitindo falar sobre as tradições e redinamizar as relações sociais. Tanto o aspecto religioso quanto profano da festa supõem uma expressividade coletiva cuja função é estabelecer relações sociais. Se por um lado o espaço da procissão e eventos religiosos sacralizam os espaços da cidade, por outro lado a festa profana ganham um caráter de pertencimento coletivo. E ao sentir da força da fé e da devoção nos eventos religiosos e ao compartilhar da alegria da efervescência da festa pode concluir que as festas de Nossa Senhora da Conceição e de Nossa Senhora dos Prazeres há um clima que dilui as barreiras entre o sagrado e o profano, ambas as dimensões privilegiam o pertencimento a festa local, a ligação dos devotos com a festa tornou-se um espaço de congratulações, fortalecimento dos laços comunitários, devoções e aproximação do sagrado.

REFERÊNCIAS

- ARON, Raymund. **As etapas do Pensamento Sociológico**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Prece e bênção: espiritualidades religiosas no Brasil**. Aparecida: Editora Santuário, 2009.
- CROATTO, José Severino. **As linguagens da experiência religiosa: uma introdução à fenomenologia da religião**. São Paulo, Paulinas, 2001.
- ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. Tradução de Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- GOMES, Antônio Máspoli de Araújo. As representações sociais e o estudo do fenômeno do campo religioso. **Rev. Ciências da Religião: História e Sociedade**, São Paulo, v. 2, n. 2, 2004. Disponível em: <http://www3.mackenzie.br/editora/index.php/cr/article/view/2315/2164>
- JODELET, Denise. (Org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001
- MOSCOVICI, S. **Representações Sociais: Investigações em psicologia social**. Petrópolis: Editora Vozes, 2005. 3ed.
- OLIVEIRA, F. O. de; WERBA, G. C. Representações Sociais. In: STREY, M. N. et al. (Org.). **Psicologia social contemporânea**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 104-117
- PEDROSO, Ana Caroline de Oliveira. **Igreja Católica e as práticas da religiosidade popular: territorialidades religiosas na Festa de Nossa Senhora da Conceição, Recife/PE**. 2023. 134 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geografia, Desenvolvimento e Meio Ambiente, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2021.

QUINTANEIRO, T. Émile Durkheim. In: QUINTANEIRO, T.; BARBOSA, M. L.; WEBER, Peter. Celebrar a vida. In: PASSOS, Mauro. **A festa na vida**: significado e imagens. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 143-169.